

Médio Oriente

Desafios estratégicos

Vânia Pinto

A grande questão é se os Estados Unidos e a Europa podem ainda superar as diferenças e convergir num novo paradigma e propósito estratégico que possa guiar a cooperação atlântica.

Numa altura em que se discute acaloradamente a reconstrução do Iraque e o futuro da relação transatlântica, é talvez útil redescobrir o texto de Ronald D. Asmus e Kenneth M. Pollack, “*The New Transatlantic Project*”. Escrito há exactamente um ano, apresenta um novo projecto transatlântico, assente numa parceria euro-americana pautada pela partilha de valores e pela percepção de ameaças comuns.

Segundo os autores, a civilização ocidental encontra-se hoje numa encruzilhada semelhante à enfrentada por Truman no final da Segunda Guerra Mundial, quando se deparou com a ameaça estalinista. As ameaças de hoje, postas a nu com o 11 de Setembro, consubstanciam-se no terrorismo, nas armas de destruição maciça, nas migrações, em Estados fracos e falhados e em ameaças de distúrbios económicos.

Os autores apontam a origem destas ameaças no território por eles designado de “Grande Médio Oriente”, ou seja, uma área geográfica que se estende de “Marraqueche ao Bangladesh”. Segundo Asmus e Pollack, esta região sofre de uma dupla crise, de governação e de incapacidade para fazer face aos desafios da modernidade e da globalização, sendo terreno fértil para o desenvolvimento de ideologias e movimentos extremistas que colocam uma potencial ameaça existencial ao ocidente.

Pollack e Asmus colocam a Europa e os Estados Unidos no “mesmo barco” ressaltando que ambos podem ser o próximo alvo de ataques terroristas. Neste contexto, é defendida uma doutrina de prevenção que passa por uma reafirmação da preempção (tão cara à Administração Bush), tanto a nível político como militar.

Os autores advogam uma estratégia de *regime change* para a auto-transformação da região, com cooperação política, económica e militar ocidental de longo prazo.

Neste contexto, é enfatizada a emergência de actores da sociedade civil que advogam a necessidade de mudança, e a publicação do *Arab Human Development Report (AHDR)* em 2002, elaborado por cientistas sociais árabes, no qual são identificadas as raízes dos problemas no mundo árabe. Esta estratégia visa, assim, incentivar os actores locais para que promovam a transformação económica, política e social da região, criando condições de vida dignas para a população e neutralizando as condições geradoras de terrorismo.

Curiosamente, dois meses depois da publicação deste texto foi lançada a *US/MiddleEast Partnership Initiative*, assente em cinco pilares: reforma educacional, política, económica, social e emancipação das mulheres. Esta iniciativa destina-se precisamente à reforma interna de um grupo de países que inclui o Magrebe, o Mashreque e o Golfo Árabe, com objectivos manifestamente semelhantes aos preconizados por Pollack e Asmus. Esta iniciativa baseou-se nas conclusões do AHDR, o que lhe conferiu uma aura ténue de quase legitimidade em alguns meios intelectuais árabes.

Esta é a primeira iniciativa americana baseada em *soft security measures*, no momento em que a União Europeia tem uma iniciativa de certo modo semelhante, em termos de objectivos, a Parceria Euro-Mediterrânica. Tanto a Parceria Euro-Mediterrânica como a US/MiddleEast Partnership Initiative são programas que, unidos por objectivos gerais comuns, poderiam ser um primeiro passo para a convergência estratégica a que Pollack and Asmus apelam, visto que visam uma área de fulcral importância como o Magrebe e o Mashreque.

Simultaneamente, Pollack e Asmus tocam num ponto fulcral da percepção da política externa americana no mundo árabe: a noção que esta é hipócrita e opera num sistema de dois pesos e duas medidas. Para colmatar esta percepção negativa, os autores fazem uma série de sugestões que deverão ser prosseguidas nos moldes de uma parceria euro-americana: terminar o processo de *nation-building* em curso no Afeganistão como mensagem para as outras sociedades islâmicas de que os Estados Unidos não se escusam às suas responsabilidades; fazer um esforço concertado de resolução do conflito israelo-árabe; destituir Saddam Hussein (identificado pelos autores como o Estaline dos tempos modernos) através de uma invasão do Iraque, com o apoio, se possível, da NATO; apoiar o processo de mudança de regime no Irão, para que pare de “aterrorizar” a região e, finalmente, promover o *regime change* nos amigos e aliados da região, nomeadamente em países como a Arábia Saudita e o Egipto.

Até que ponto se pode falar de uma crise na relação transatlântica, interrogam-se os autores? Apesar de haver diferenças reais alicerçadas nas experiências históricas, culturas estratégicas e assimetria de poder e responsabilidade, e que se traduzem no modo como a Europa e os Estados Unidos percebem o mundo e avaliam as ameaças, a grande questão é se tanto os Estados Unidos e a Europa podem ainda superar as diferenças e convergir num novo paradigma e propósito estratégico que possa guiar a cooperação atlântica. Os autores afirmam que tal entendimento traria benefícios para ambas as partes, na medida em que seria portador de uma legitimidade que diminuiria o espaço de manobra de adversários e um grau de aceitação e legitimidade política que os Estados Unidos não conseguiriam granjear sozinhos.

Parte interessante deste texto é o aviso, a quase profecia, para o que está a ocorrer hoje no Iraque. Os autores afirmam que os Estados Unidos se enganam a si próprios se pensam que podem aceitar este desafio estratégico numa base unilateral, e o Afeganistão é uma ilustração disso. Pollack e Asmus também questionam se a Europa estará à altura do desafio, apesar dos europeus ainda não terem tido o seu “Pearl Harbour” que os force a rever as suas prioridades nacionais, do mesmo modo que os americanos tiveram que fazer com o 11 de Setembro.

Os autores também avisam que forjar um novo propósito estratégico não será fácil e não ocorrerá sem a liderança dos Estados Unidos. Simultaneamente, a Europa também terá de parar de tentar definir a sua identidade e papel no mundo por contraste aos dos Estados Unidos e devotar os recursos necessários para poder alcançar o estatuto a que aspira. É, contudo, de ressaltar os recentes esforços europeus para o desenvolvimento de uma Política Europeia de Segurança Europeia que foram recebidos com um certo alarme em Washington, e acusações de tentativas de isolamento e neutralização da NATO.

O artigo de Pollack e Asmus torna-se interessante pela selecção de desafios estratégicos enfrentados pelo Ocidente: o Irão, o Iraque e a restante zona do “*Great Middle East*”, que têm constituído nos últimos tempos o foco de atenção dos EUA. No Iraque a aplicação de *hard security measures* (invasão), no Irão o constante assédio diplomático para que cesse as alegadas actividades nucleares, e uma iniciativa baseada na mudança social, política e económica através de *soft security measures* nos restantes países da região.